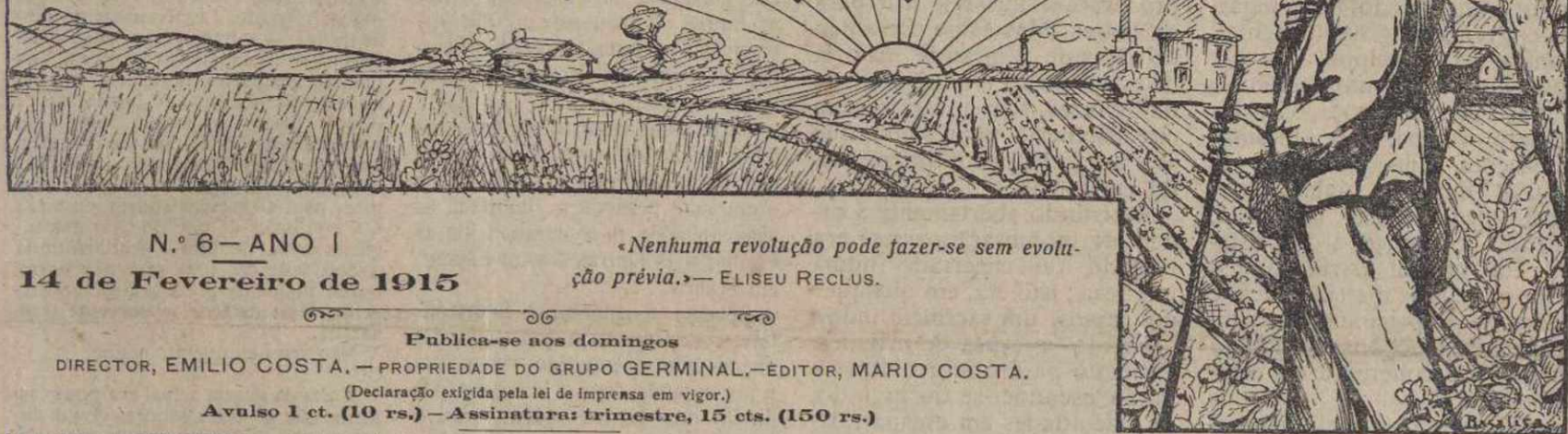


Germinal



N.º 6 — ANO I
14 de Fevereiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se nos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca 51, 3.º — LISBOA

O parlamento “mal necessario”

Embora á primeira vista pareça impossivel, é certo que ha pessoas inteligentes e de boa fé, metidas no embroglho da politica partidaria, reconhecendo, em parte pelo menos, quanto ella tem de pernicioso; fazendo parte do parlamento ou trabalhando em eleições, apesar de sentirem pelos costumes politicos pouco menos que desprezo.

Como se explica que estas pessoas, não deixem a politica partidaria e o parlamento?

Entre as varias razões que os que assim procedem costumam aduzir para justificarem a sua attitude algo contraditoria com as suas palavras, ha uma, interessante, que merece a pena notar-se e que se pode exprimir assim:

«Longe de morrer d'amores pelo parlamento, não o veria desaparecer com desgosto; simplesmente, não vejo com que o substituir com vantagem».

E', como se vê, o eterno argumento do «mal necessario», que tem servido para ajudar a manter todas as injustiças e todas as inutilidades. Mas neste caso especial do parlamento e sabendo-se que ha boa fé e intelligencia, como se explica a existencia da razão aduzida?

Ha já muito tempo—desde que ha parlamentos, = estes homens inteligentes e de boa fé, procuram *melhora-lo*, sem repararem para esta verdade fun amental: é que a influencia exercida pela função sobre o funcionario, é muito maior do que a que este exerce sobre aquella.

Bem sabemos que é exactamente o contrario que se supõe e está assente como verdadeiro na vida corrente, afir-

mando-se, a proposito de tudo, que «os homens é que fazem os logares», que «as instituições tem o valor dos homens que as servem», que «a lei é boa, a questão é de quem a aplica» etc. Mas isto é fundamentalmente falso, e a falsidade é tacitamente reconhecida na pratica, exactamente pelos que a apregoam como a verdade, pois que raro é o funcionario, de qualquer especie e gerarquia, que não sonhe em modificar a função, a instituição, a lei, isto é, em *alterar* aquilo que só não era bom, por não ser cumprido á risca.

E' o que tem sucedido com os parlamentos: procura-se escolher e por vezes escolhem-se os melhores homens e sempre parece que se escolhem os peores, apesar das inovações que tem em toda a parte apparecido em materia de sufragio e em regimentos parlamentares. E quanto mais se aperfeiçoam os regimentos e os sufragios, mais a instituição parlamentar se descredita.

Isto quer dizer simplesmente, que a instituição é que já não corresponde, se alguma vez correspondeu ás necessidades da vida social.

Mantê-la «melhorando-a.» é proceder, por exemplo, como os monarchicos, que se fundavam, para se manterem, na tal pseudo verdade de que a questão é de homens, ao que os republicanos respondiam que as instituições é que não correspondiam ás necessidades da nação. E como se teria feito o partido republicano e a republica, se não tivesse havido os que, considerando a monarchia inutil ou nociva, não colaboraram com ella, desprezando a noção corrente da questão ser de homens e não de instituições?

O facto de *não se ver* o que deve substituir a instituição que nos desagrada, não pode justificar o apoio dado a esta, porque sempre assim tem

acontecido com todas as instituições e organizações. As novas formas, os novos organismos, saem da actividade dos que renunciaram ás formas antigas, da mesma maneira que o orgão sae da função, definhando e desaparecendo as antigas formas á medida que as novas se afirmam e se definem, ou vice-versa, como se quizer. Nunca se teria realizado progresso algum se para abandonarmos o que nos desagrada fosse preciso conhecermos o que o substitue com vantagem. Pois

não é evidente que o facto de se teimar numa determinada solução, é que constitue o maior obstaculo para se verem outras? E' só abandonando e procurando a substituição, que esta nós pode apparecer. Tudo que não fôr isto é obra de conservantismo e não de progresso.

«Não gosto do parlamento! mas não encontro melhor...» Como se ha-de encontrar o que se não procura? Ou julga-se que os organismos sociais apparecem feitos... pela Divina Providencia?

Os anarquistas e a guerra europêa

E' tambem em nome da coherencia, que se tem combatido os revolucionarios que pegaram em armas e os que os aplaudem ou concordam com eles. Parte-se do principio de que fazer uma coisa em contrario das ideias que se pregam, é uma contradição prejudicial, quer para as ideias quer para o que se contradiz e conclue-se tranquila e implacavelmente, que são incoherentes e prejudiciais os antimilitaristas que foram para as fileiras ou os que os defendem; e alguns acrescentam que tudo era preferivel, da parte dos revolucionarios, a ingressar nas fileiras, para que os principios ficassem de pé. Quando a defeza dos principios se leva para este caminho, não ha maneira de se sahir do labirinto em que nos metemos.

Se a incoherencia fosse em si mesma um acto condenavel, a vida era impossivel não só para os anarquistas como para toda a gente. Nós quasi não fazemos outra coisa durante o dia, que praticar incoherencias e ai de nós, se as não praticassemos e em todos os aspectos da vida: particular e publica, individual e coletiva. «Tudo é relativo,» responderão provavelmente os que não querem

ouvir falar em *graus*; mas então, sendo tudo relativo, só ha uma maneira boa de tratar a questão da attitude dos revolucionarios: é não a pôr no terreno movediço da coherencia, e pô-la no terreno da utilidade dos actos que se praticam em vista dos fins a atingir. Para não haver duvidas sobre isto, basta saber-se que ha incoherencias uteis ás ideias que se defendem e coherencias que lhes são prejudiciais. Apenas um caso, entre milhares que se podiam expôr da vida de cada um: Ha annos, foi em 1909, o revolucionario Amilcar Cipriani, recusou, por coherencia com os seus principios—foi ele que o declarou—uma herança de 20.000 francos, os quais reverteram a favor do Estado. Os revolucionarios de todas os matizes prestaram homenagem á nobreza do gesto—feito certamente para salvar os principios—mas não sei se houve alguém que de qualquer fórma não lamentasse ou não criticasse o facto, como um pessimo serviço feito ás ideias. Cipriani foi coherente e manteve a pureza dos principios; mas privou-se de 20.000 francos, os quais o ajudariam a levar melhor a vida que ele tem consa-

grado á causa da revolução social, ou privou desse dinheiro, se o não quizesse utilizar pessoalmente, a propaganda, indo assim da-lo ao Estado, ao burguês, que os foi empregar, na engrenagem governamental, contra os principios que ele quiz salvar com a sua coherencia.

Pela mesma epoca, Charles Malato recebe, nas mesmas condições, uma herança de 50.000 francos. Malato, com uma incoherencia manifesta, aceitou a herança, a qual estava em grande parte, pouco tempo depois, distribuida por obras de propaganda e de solidiedade. Qual dos dois andou melhor: o coherente ou o incoherente?

«Salvemos os principios,» exclamam Malatesta e outros. Mas o que é isso de salvar os principios, se não é apenas uma frase?

Trata-se da doutrina, da parte teorica, da Ideia? Mas isso não é salvo nem perdido com quaesquer atitudes que se tomem, porque em nada está dependente destas. Só ha uma coisa que póde destruir uma doutrina ou um principio; é outra doutrina ou outro principio. Aquela e outras frases semelhantes são lamentáveis, porque produzem confusões, induzem em erros, não se tomando cuidado com elas.

Não confundamos os principios com a sua applicação ou com a maneira de os servir. «Mas é disso apenas que se trata» dir-se-á. Pois então se assim é, não se ponha a questão da coherencia, porque esse terreno é falso, visto que a coherencia tanto póde ser util como prejudicial ás ideias que se pregam.

*

Ponhamos então a questão no terreno da *utilidade dos actos em vista dos fins a atingir*. Eu creio que tudo que não seja isto, é fugir da realidade objectiva para o campo especulativo, da doutrina pura, o que—para o que agora interessa a todos que se preocupam com o futuro—é o mesmo que andar nas nuvens, purificando a alma no banho da pureza dos principios, mas preparando-a tambem—e ao corpo, o que é talvez peor—para desagradáveis surpresas que os acontecimentos podem proporcionar.

Os mais intransigentes, dizem ou diziam pelo menos, que mais valia sujeitar-se o revolucionario a todos os actos de repressão governamental, do que submeter-se a ir para as fileiras; até o fusilamento era preferivel! chegou-se a dizer. E' claro que quando se leva, ou antes, quando se prega a intransigencia a este ponto, entra-se na região dos mysticos e nada ha a dizer; passa-se adiante.

Mas emfim, é natural que nos países beligerantes houvesse um numero maior ou menor de

revolucionarios a quem repugnava ou desagradava, por qualquer motivo, partir para a guerra. Muito bem fizeram, a meu ver, os que nestas condições procuraram furtar-se a ir para as fileiras. Mas estou convencido de que a grande maioria deles se viu na impossibilidade de o fazer, sem se colocar em circunstancias peores do que as que podia encontrar pegando em armas.

Resistindo abertamente á ordem de mobilisação, ou se era fusilado ou encerrado numa fortaleza; isto era, em qualquer dos casos, um sacrificio inutil, rivando a causa de mais um elemento para o futuro. Procurando esconder-se ou fugindo, as dificuldades em escapar, dado o estado de vigilancia apertada por parte das autoridades, eram imensas. Depois, durante a guerra, era preciso quasi não se mostrar, por assim dizer, dissimular constantemente, tomar as mil precauções que nestas circunstancias tornam insupportavel a existencia; e por cima disto, viver, isto é, ter morada, alimentar-se, vestir-se, etc. E como se faz isto senão tendo trabalho? E nestas condições, e nas condições em que estão os paizes em guerra, como se obtem trabalho? Que vida se levava assim e quantas probabilidades de se ser descoberto e então fusilado como desertor?

E' inutil falar, me parece, nos que, tendo recursos monetarios e ajudados por circunstancias favoráveis, pudessem ir para o estrangeiro e aí esperar os acontecimentos, porque esses constituem uma infima minoria.

Naquelas condições, o que é natural ter acontecido? E' a maior parte ter vencido a repugnancia e ir para a mobilisação, porque: não era certo morrer-se na guerra, podia acontecer ir-se para serviços que menos repugnassem que o combate propriamente dito, usar dos artificios de que se pudesse lançar mão para não combater ou faze-lo o menos possivel, etc. Tudo isto irá contra os principios, é provavel; mas não é certo que vá contra o fim principal a atingir neste caso: poupar-se o mais possivel para poder servir esses mesmos principios.

Mas ha os voluntarios e os que os apoiam. E' verdade; e com esses entra-se no ponto fundamental da questão.

Emilio Costa.

(Continua)

Lei de 13 de Fevereiro

Completaram-se ontem uns 19 anos sobre a promulgação da famosa lei scelerada portuguesa, que, bem feitas as contas, se deveu antes á insensatez dos jornais de Lisboa, monarchicos e republicanos, do que á dos chamados propagandistas pelo facto.

Bourtzeff

A historia é simples:

Bourtzeff, é aquelle escritor russo que publicava em Paris uma revista na lingua do seu paiz, *O Futuro*, na qual fez constantes e bellas campanhas contra os crimes do despotismo czarista.

Entre essas campanhas ficou celebre a feita contra a policia russa, a proposito do traidor Azeff. Nunca o czarismo perdoou a Bourtzeff as suas apiniões e a coragem de as expôr; mas Bourtzeff estava longe, em França...

Rebenta a guerra, e Bourtzeff, talvez entusiasmado pela comedia liberal que o governo russo está representando com a liberdade e o direito dos povos, partiu para a Russia confiante nas apparencias.

Em má hora o fez, porque o lobo espreitava a presa que ingenuamente se lhe ia meter na boca. Foi preso, julgado e condenado a degredo perpetuo para a Siberia; foi assim que os que prometeram a autonomia á Polonia, melhor tratamento aos judeus e salam em justiça e em direitos, responderam á ingenua confiança de Bourtzeff.

Se alguma coisa ha mais revoltante que o cinismo, a barbaridade de processos e a ambição de dominio do cesarismo alemão, é a comedia liberal e pacifista do despotismo russo.

Reunião sindicalista

Na quinta-feira da semana passada, alguns individuos que á organização e propaganda operaria se tem dedicado, reuniram-se na sede da Associação dos Compositores Tipograficos, a fim de se combinarem sobre o modo de vigorizar o movimento sindicalista que após o Congresso de Tomar entrou em letargia. Trocaram-se explicações sobre anteriores procedimentos, analisaram-se as causas da doença da U. O. N., e fizeram-se protestos de fidelidade aos principios. Uma orgia de... de palavras. No meio dela, tres questões surgiram que deviam de ter sido discutidas em nova reunião marcada para trasanteontem. Foram elas:—deve ingressar-se na U. O. N. ?;—independentemente disso, deve criar-se a Liga dos Interesses Operarios?;—guardando para mais tarde a resposta a tais questões, deve fazer-se reaparecer já o *Sindicalista*?

Sinais de vida

... Ou de morte.

De um artigo de J. Carlos Rates: «... eu julgo um erro muito prejudicial, neste momento e com tal estado de coisas, o inicio de grèves contra o Patronato. E' preciso promover uma grève monstro, que revista todas as fórmulas da energia operaria, mas uma grève que contra o Estado e só contra ele seja dirigida. E' preciso lançar a massa operaria, em peso, contra o Estado.»

Vê-se que Rates não tem duas das tres prendas que o filosofo requeria em seus discipulos. Oxalá não lhe falte tambem a outra!

NOTAS LIGEIRAS

Da banda dos que nos asoimam os ouvidos com a afirmação de que a guerra actual não passa de uma baralha de capitalistas,—ante a qual os revolucionarios sociais devem estar de braços crusados, soberanamente desdenhosos,—saíram agora estas palavras:—«A' Inglaterra convem, na posição geografica da Belgica, um pequeno país neutro». A' Inglaterra... (Quere dizer: ao estado inglês, ao imperialismo inglês, ao povo inglês, aos habitantes do territorio inglês. E' a confissão de que nem só imperialismos, nem só estados andam em luta; é a confissão de que do lado dos ingleses anda tambem o sentimento da necessidade de, para secção proprio, terem longe da porta o alemão guerreiro, conquistador, absorvente e cesarista.

Não serei eu quem o negue.

Antes da guerra actual era ponto assente que os trabalhadores dos diversos países se deviam mutua solidiedade. Quebraram este como que facto, os alemães—em prejuizo dos belgas, por exemplo. Assim sendo, os demais trabalhadores quebral-o-hão por sua vez, se não evitarem a neutralidade na contenda em que andam aqueles,—e ha muitas maneiras de o fazerem, sem chegar ao extremo de pegar em armas. De modo que perguntar-se ao meu amigo Emilio Costa, a proposito das minhas palavras—«neutralidade não é o contrário de solidiedade?»—porque não trata êle de arrastar Portugal a entrar na conflagração, tem seus ares de chufa de Carnaval, mas chufa que nem sequer é inteligente.

Qualquer.

O caso do Gaz

O tribunal de arbitros sobre accidentes no trabalho proferiu, na passada sexta-feira, a sua sentença ácerca das indemnizações reclamadas por motivo da explosão de ha meses na Boa Vista.

Antes as Federações da Industria haviam publicado um manifesto pedindo que se cumprisse a lei e se fizesse justiça. Pode dizer-se que este pedido não foi atendido, porque o autor da lei dos accidentes, como se falasse de ter sido mal recebida a resolução do tribunal, acudiu em defesa da sua dama, como hemos de ver. O processo subiu ou vai subir á Relação em recurso.

Uma explicação

A *Aurora* de domingo passado não faz a rectificação ou aclaração que se nos afigurou provavel. Talvez a faça agora, á vista do que aqui se escreveu. Demoremos então, mais uma semana, o que temos a dizer.

O sonho alemão

Jerarquia social: «No vertice, o official nobre, unicamente dedicado ás questões de guerra, dominando de alto a nação; depois, abaixo, as potencias industriaes e comerciaes, os grandes proprietarios agricolas, os professores, os sabios, os mestres de escola e, emfim, a massa do povo, todos solidamente arregimentados, todos orientados por uma formação e um ensino sistematicos, no intuito de colocar a Alemanha acima de tudo e de fazer dos outros homens os subditos servís do seu paiz».—P. Appell.